

Mont'Alverne Frota: o escritor e o conselheiro^(*)

Nauro Machado

A Academia Cearense de Letras vem de publicar, em separata do seu número 43-1982, um extenso Memorial da Saudade, de autoria do escritor Francisco Marialva Mont'Alverne Frota, consultor jurídico da Companhia Docas do Maranhão e membro do Conselho Estadual de Cultura da nossa terra, título este, entre tantos, o mais abrangedor da personalidade literária de quem, há muito, vem engrandecendo as letras maranhenses e divulgando, sobretudo lá fora, nossos reais valores.

"*Memorial da Saudade*" não é tão-somente o roteiro sentimental de Antônio Mont'Alverne Filho, nobiliárquico chefe de "uma família patriarcal cristã do sertão do Ceará", na expressão com que Mont'Alverne Frota, a retratar-lhe o perfil, deixa pendular, entre a memória do neto e o retrato de uma época, o esboço sociológico de um tempo e de um espaço.

Assim, na daguerreotipia dos bosquejos emotivos, embalado pelas valsas de antanho e sob a luz embaçada dos candélabros de outrora, Mont'Alverne Frota retrata, através do patriarca de um clã sobralense, uma boa e talvez mais feliz parte da nossa História.

Se "*Desde a Ribeira até a Ilha*", título de um dos seus livros, Mont'Alverne Frota veio conduzido pelo farol violáceo a indicar-lhe o porto onde deitar sua âncora, na maresia apaziguada pelo amor, à sua Ribeira paterna precisa ele, no meio de seu inconcluso périplo (ele que Sousândrade cantou o périplo concluído), voltar em presença e espírito, coração e carne.

Em virtude de a saudade, para tanto, não lhe bastar. Por a lembrança, para saciar-se, não lhe permitir o apaziguamento senão quando, à terra encontrada, disseram-lhe os olhos: "eis a pátria primeira, a Itaca imortal."

E foi assim, para sentir a terra e deixar, no corpo, apaziguar-se-lhe o sangue, como vinho bebido aos pés da Eucaristia, que Mont'Alverne Frota, voltando à sua Sobral, para as comemorações

(*) Uma das vozes da poesia maranhense. Sonetista firme e afiado, no conceito de Carlos Drummond de Andrade, além de ensaísta primoroso

alusivas ao primeiro centenário de nascimento do avô perene, sentiu a necessidade de escrever este Memorial da Saudade.

Para fazê-lo, mais que aos documentos consultados, às pesquisas feitas, às genealogias estudadas, teve ele o impulso recriador da paixão e o alento da fé depositada nos valores da família e na honorabilidade do lar.

E a pairar sobre tudo, como fio invisível a levá-lo às malhas de uma história que é uma, a fragrância impulsiva de uma muda do velho “pé de estrela”, por ele plantada junto ao cômodo em que dorme, na continuação do que - perdoem-me os leitores - chamaria de intertextualidades soberanas dos perfumes familiares.

Belo, entre todos é o trecho em que a sua avó-mãe Marphisa - nome hoje continuado em uma de suas filhas, a primogênita também - deixa escapar a lancinante frase: “eu não podia ter dois céus!...”

É a mesma fatalidade das patriarcais figuras romanas. É o mesmo ascetismo filosófico daquele estóico imperador romano que, ao saber da morte do filho único, exclamou: “eu sabia que não tinha gerado um filho imortal.”

Mas se os filhos morrem e os pais perecem, a grandeza do homem continua no símbolo heráldico dos patriarcas construtores de um tempo e um destino.

É o que nos demonstra, no seu Memorial da Saudade, o escritor Francisco Marialva Mont'Alverne Frota.

Vale lembrar ainda, como ponta extrema dessa personalidade, o jurista a intercambiar seus conhecimentos e cultura com o escritor que lhe alicerça e fundamenta o complexo ser humano que ele é.

Seus conhecimentos, no campo do Direito, são embasados por uma sólida cultura humanística, a par de incursões gratificantes e contínuas nos meandros do campo literário, o que lhe assegura uma atuação ímpar entre os seus demais colegas do nosso Conselho de Cultura.

Sua atuação constante e pertinaz, dirimindo equívocos, apontando caminhos e fixando-se, sempre, nas normas do Ético, tem sido uma bússola a indicar-nos, no meio mesmo das tormentas ou na calmaria remançosa do indiferentismo, o porto aonde por fim ancorar com sabedoria e prudência.

Com o lançamento deste *Memorial da Saudade* estão de parabéns a Academia Cearense de Letras e as letras do Maranhão.